

OS COMPLEXOS DESAFIOS DE UM MUNDO ANGUSTIANTE EM KIERKEGAARD

Kleber Aparecido Silva Oliveira¹

Resumo: O objetivo deste artigo é demonstrar, a partir da filosofia existencialista de Kierkegaard, o conceito de angústia mediante as escolhas, em que a compreensão filosófica está pautada na subjetividade. O dinamarquês estabelece um itinerário chamado de Estádios, que se divide em três níveis: o estádio estético, ético, e religioso. Vamos nos deter aos estádios estéticos e ético, tendo como fio condutor o ético, uma vez que perpassa a subjetividade de cada ser humano e a sua construção axiológica. Dessa forma, reflete-se sobre a dificuldade de escolha, principalmente em uma sociedade que apresenta neste campo, possibilidades difusas. Sabemos que no passar dos anos, a sociedade tornou-se tão complexa, a ponto de dificultar aos jovens o norte e a clareza das opções em escolher, cujos sintomas imediatos se manifestam na angústia. Para essa proposta, foi produzida uma sequência que contempla a compreensão filosófica de Kierkegaard, na sua concepção de estádios, de subjetividade e de escolhas, como também uma interpretação do cenário juvenil mergulhada numa complexa sociedade de valores que se renovam continuamente. É importante escolher, e viver sem medo a aventura de buscar *ser* em conflito com o que se deve *ser*, mesmo que tal empreendimento pareça arriscado e angustiante.

Palavras-chave: Escolhas, Projeto de vida, Angústia, Subjetividade.

Abstract: The purpose of this article is to demonstrate, from the existentialist philosophy of Kierkegaard, the concept of anxiety through the choices. His philosophical understanding is guided in subjectivity. The Danish establishes an itinerary called stadiums, which is divided into three levels: the aesthetic stage, ethical, and religious. Let's stop the aesthetic and ethical stages, with the guiding ethical, since permeates the subjectivity of each human being and his axiological construction. Thus, this article aims to reflect on the difficulty of choice, especially in a society which has this field, diffuse possibilities. We know that over the years, society has become so complex as to make it difficult for young people north and clarity of options to choose whose immediate symptoms manifest themselves in trouble. For this proposal has produced a sequence which includes the philosophical understanding of Kierkegaard in its design stages, of subjectivity and choices, as well as an interpretation of youth setting steeped in a complex society values that are renewed continuously. It is

¹ Graduando em licenciatura plena em Filosofia, 4º período. Centro Universitário Salesiano de São Paulo. Campus São Joaquim, Lorena – SP. E-mail: kleber.bsp@salesianos.com.br

important to choose and live without fear the adventure of seeking to be in conflict with what it should be, even if such an undertaking may seem risky and painful.

Keywords: Choices, Life Project, Anguish Subjectivity.

Introdução

Apoiados no filósofo dinamarquês Kierkegaard, buscamos apreender o que marca o desenvolvimento da subjetividade e da consciência de valores no processo de construção do projeto pessoal de vida mediante as escolhas e seus riscos.

Para onde vou? O que estou fazendo aqui? Será que estou no caminho certo? São os interrogantes que abarcam a vida imersa em frequentes transformações, sobretudo na fase da juventude. É na juventude que o projeto de vida começa a ser construído, despertando aptidões profissionais e estimulado na orientação vocacional. O fato das decisões serem sempre inseguras e permeadas de medo – às vezes fora da lógica dos adultos – justifica-se por ser a fase em que predominam inquietações perante o novo.

Existe, portanto, uma angústia causada por inúmeras possibilidades dadas no mundo externo, gerando situações de desespero pelo fato de trazer aos jovens questionamentos sobre si mesmo, na procura de respostas alinhadas com as motivações do mundo interno. O desespero, na lógica Kierkegaardiana, consistia no fato do homem perceber-se com vacuidade, ou seja, não encontrar razões que justifiquem os questionamentos da vida. Na mente juvenil surgem incontáveis possibilidades, e no confronto com as possibilidades objetivas emerge um desespero de fazer tremer as motivações subjetivas.

Aqui tocamos no ponto central desse artigo, cuja proposta é refletir o jovem contemporâneo com pertencimento a uma sociedade complexa, entendendo-se esse conceito na exposição de autores como Adelar Hengemühle:

Em especial, a partir da segunda metade do século XX, assistimos a humanidade envolvida com situações novas, sempre mais frequentes, em todos os meios da vida. Esses novos modelos de vida não ocorrem por acaso. São fruto de processos históricos que identificam que a ciência passou por diversas fases para compreender o ser e o estar no mundo (cartesianismo, holismo...) até chegar aos nossos dias em que vivemos cenário ímpar na compreensão do mundo e no modo de agir do homem. (HENGEMÜHLE, 2014, p. 1).

Neste cenário, desenrola-se o teatro da angústia existencial na mescla das “escolhas” pessoais com o temor do abismo que se abre entre o ser e o dever ser. Esta linha ténue entre a angústia e o desespero, a dualidade das possibilidades externas frente às motivações internas, de certa forma, suscita no homem o desejo de encontrar-se diante do novo e daquilo que é possível.

Afirma Kierkegaard, que o fato de não se encontrar desesperado deve significar a destruição da possibilidade, para que um homem não o esteja verdadeiramente, é preciso que a cada instante aniquile em si a sua possibilidade.

Este é o cenário no qual o jovem, por vezes, se encontra quando passa da infância para a vida adulta. O medo e a insegurança passam a ser a porta de entrada para as possibilidades, é o momento de lançar-se, e fazer a síntese entre esses dois universos – infância e vida adulta.

Em contrapartida, por força dos ícones prósperos do século XXI, para muitos jovens, o bem da vida está pautado na procura do prazer-estético, determinado pelo desejo e pela vontade, obscurecendo sacrifício como valor. O medo de arriscar, de aventurar-se; leva os jovens à busca de prazeres momentâneos na pretensão de preenchimento de um vazio existencial, que parece não ter fim. Nessa perspectiva, notamos a tendência de fetiche às coisas efêmeras, como no consumismo, na idolatria ao corpo, no hedonismo; características próprias do estágio estético, como compreendia Kierkegaard. O fator que passa a predominar é a ausência da responsabilidade individual. O homem no estágio estético não se compromete seriamente, implicando em distanciamento e indiferença perante a existência. É uma juventude que, na complexidade do mundo contemporâneo, vê-se descomprometida, desmotivada e, sobretudo, desorientada.

Em outro aspecto, as modificações sociais, a busca por valores humanos que acontecem no adolescente, são fatores predominantes na construção do caráter moral, próprio do estágio ético. Os valores que previamente se escolheu, ou que lhes foram apresentados, caracterizam os futuros adultos. Kierkegaard entendia que o indivíduo escolhe o mundo quer ver, a partir dos valores que previamente foram estabelecidos, e que fazem dele o que ele é. São os valores escolhidos que constroem o seu mundo.

Nesse artigo buscaremos ressaltar a importância da subjetividade como um dado *a priori* na construção dos valores. Os jovens precisam ser bem cuidados, para não ocasionar uma falta de referência no que toca os valores perenais e também as perspectivas futuras. De fato, será que o jovem, imerso em tantos valores corriqueiros,

poderá encontrar um meio para estabelecer os valores que construirão a sua subjetividade? É possível germinar consciência diante das realidades voláteis apresentadas no mundo globalizado? E com que intensidade se dá a construção dos valores e do projeto de vida em um mundo tão plural?

1. Estádios

Para compreendermos a subjetividade em Kierkegaard, é importante capturar a sua tríade progressiva, que ele denomina de Estádios. A filosofia de Kierkegaard está pautada na reflexão do Indivíduo enquanto ente subjetivo. Dessa forma, “o pensamento dominante, e que foi esquecido em nosso tempo, é o que significa existir e o que significa interioridade” (MONDIN, 1981, p.69). A filosofia na sua compreensão tem, por excelência essa finalidade, compreender quem é o homem e posteriormente, quem é Deus. “O que nos interessa é um “sujeito” [...] essa subjetividade possui a capacidade, decisiva, do trabalho lúcido sobre si.” (MORIN, 1999, p.46).

Kierkegaard entende como ponto fundamental a existência humana, essa que tem forma mutável, aleatória, em constante rotatividade e incompreensível à lógica do pensamento. Por isso, ele dirigiu críticas a Hegel no que se refere ao seu sistema filosófico, que deixa de lado a compreensão de existência humana. Afirma Kierkegaard que “esse sistema é impossível, uma vez que as leis da existência são muito distintas das leis do pensamento. (MONDIN, 1981, p.69).

Sören então distingue três estádios dentro da investigação de existência. Primeiro, é o Estádio Estético, posto que “o indivíduo não tem compromissos nem finalidade: é o artista despreocupado no qual a fantasia predomina sobre a razão e vontade” (MONDIN, 1981, p.70), marcada por uma fase do campo da animalidade. Segundo, é o Estádio Ético, em que o “indivíduo ético é aquele que vive com compromissos, com seriedade, e honestidade, que supera a instabilidade da juventude[...] pauta-se na seriedade, fidelidade, e estabilidade, no que tange os deveres e esperanças” (MONDIN, 1926, p.70), fase que caracteriza a sua humanidade. E por fim, o Estádio Religioso, que “é momento no qual a honestidade natural não é mais suficiente, porque a fé impõe obrigações que podem entrar em conflito com a lei.” (MONDIN, 1926, p.70) é um profundo abandonar-se e uma transparência no que toca a espiritualidade. Nesse trabalho, como foi apontado na Introdução, nos deteremos sobre o Estádio Estético, caracterizado pelo descomprometimento, próprio de uma sociedade que enaltece o

prazer como um tesouro inestimável; e também sobre o Ético, que é o comprometimento, na busca por valores estáveis, como a fidelidade, seriedade e responsabilidade.

Por fim, esses Estádios são o fio condutor por onde perpassa todas as obras de Kierkegaard, sobretudo a o Estádio Ético, uma vez que toca estritamente naquilo que é próprio da subjetividade. É a condição de consolidar as motivações das reflexões de si mesmo e, de certa forma, efetivar e efetuar as escolhas que fazemos no tempo e na eternidade.

1. A subjetividade.

Kierkegaard compreende os Estádios em uma lógica de investigação da subjetividade, que é a interioridade, tendo como ponto de partida, a busca de respostas para questionamentos oriundos dos próprios atos. O que ele buscava era a completude do ser humano. O existencialista apresenta uma compreensão dos valores, envolvendo as experiências pessoais, os próprios hábitos, e a autoconstrução. Para tanto, há que se considerar o pêndulo das escolhas e das possibilidades, ou seja, trata-se de uma subjetividade cuja base é a ética, sem dispensar a “viagem” para a nossa interioridade:

(...)
Restam outros sistemas fora
do solar a col-onizar.
Ao acabarem todos
só resta ao homem
(estará equipado?)
a difícilima dangerousíssima viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão
do seu coração
experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
descobrimo em suas próprias inexploradas entranhas
a perene, insuspeitada alegria
de con-viver (ANDRADE, 1978, p. 448-450).

Eis uma aventura angustiante e dotada de medo, por se deparar com quem ainda não se é, ou que ainda busca ser. Esta é a compreensão central da filosofia do existencialismo de Kierkegaard.

[...] a idéia de existência, no sentido forte do termo, do qual o pensamento europeu é devedor a Kierkegaard, consiste no salvaguardar a subjetividade humana – e a dimensão da interioridade que ela manifesta – no seu caráter absoluto, na sua separação, no seu manter-se além do ser objetivo, mas também no defender paradoxalmente a posição irredutível do sujeito contra o idealismo. (LÉVINAS, 1984, p. 81).

A subjetividade se confunde com a verdade, interioridade, decisão, ardor, entusiasmo.²

A vida subjetiva, na própria medida em que é vivida, não pode jamais ser objeto de um saber; ela escapa, em princípio, ao conhecimento. Essa interioridade que pretende afirmar-se contra toda a filosofia, na sua estreiteza e profundidade infinita, essa subjetividade reencontrada para além da linguagem, como a aventura pessoal de cada um em face dos outros e de Deus, eis que Kierkegaard chamou de existência. (KIERKEGAARD, 1979, p.7)

Assim sendo, a subjetividade é um caminho de introspecção, de interioridade. Por assim dizer, o autoconhecimento, que por vezes escapa da nossa compreensão humana, deve ser alcançado em um nível subjetivo, longe da abordagem de um psicologismo, pois o próprio Kierkegaard insistia que os indivíduos, o subjetivo, tinha que ser mais importante que qualquer espírito absoluto. (STRATHERN, 1940, p.22). Afinal, o que implica pensar tantas coisas, mas se não reflete sobre o indivíduo e sua existência.

A dimensão da interioridade é essencial; ela significa precisamente a disposição íntima do sujeito moral, sua atitude e, em termos kierkegaardianos, ela se relaciona com a escolha ética de si como afirmação originária de um gênero de vida, onde precisamente será explorado o elemento propriamente ético. (CLAIR, 1997, p.82)

Portanto, o “eu” subjetivo está além da razão e não faz inteiramente parte do mundo. (STRATHERN, 1940, p.9). Kierkegaard, também entende a verdade com subjetividade, e distingue a verdade como objetivas e subjetivas, tendo as subjetivas como as mais importantes, já que são estritamente ligadas à realidade própria da existência humana. Segundo ele, “a verdade subjetiva diz respeito ao próprio

² No idioma dinamarquês, *inderlighed* (interioridade) significa paixão, ardor, algo que é feito com profundo ânimo e energia, negação de algo fechado. A concepção de subjetividade em Kierkegaard, equivale a interioridade e jamais significa arbitrariedade, ou subjetivismo. A subjetividade assume para o indivíduo o significado de uma tarefa, cujo sentido é o do interesse do indivíduo para consigo mesmo; nesse sentido, a subjetividade é traduzida em termos de interioridade e paixão, é a vida interior do indivíduo existente. (SAMPAIO, 2010. Apud, p.29)

fundamento dos valores, não tanto pelo fato de serem ou não “corretos”, mas sim pela natureza do nosso compromisso com eles”. (STRATHERN, 1940, p.45)

Os valores fundantes de verdades subjetivas precisam ser norteadores do homem na sociedade. E os valores arquetípos, ante os valores transitórios, não podem perder sua eficácia e vitalidade. Isso é fundamental para o jovem que começa a construir o seu projeto de vida. Em especial na atualidade, quando ‘obstáculo’ equivale a morbidez de encontrar referenciais de valores perenes em uma sociedade de “turbilhões” de informações e modelos efêmeros.

Em uma sociedade de onde o corpo, o equilíbrio pessoal e o tempo livre são solicitados pela pleora dos modelos, o indivíduo é permanentemente obrigado a escolher, a tomar iniciativas, a se informar, a criticar a qualidade dos produtos, a se auscultar e se testar, a se manter jovem, a deliberar sobre os atos mais simples: que carro comprar, que filme ver, para onde ir durante as férias, que livro ler[...] (LIPOVETSKY, 2005, p.87)

Dessa forma, constantemente encontramos jovens perdidos frente a tantos caminhos, e quase sempre sem a clareza das opções, para suas escolhas. Acrescenta-se a isso a desorientação do ser social e profissional comprometido pela ausência de referências, verdadeiramente sólidas.

Logo se conclui que, a subjetividade se constrói pelo processo do autoconhecimento, não na direção do psicologismo, mas nas veredas da interioridade; na busca de compreender o eu-subjetivo. É um profundo exame de si mesmo diante das condições do próprio existir, consumado na construção de uma escala axiológica. Para o jovem encarregado de criar o seu mundo na mesma proporção de seus comportamentos, hábitos e referências, esse ponto é fundamental, porque vai definir o seu papel na sociedade.

3. Desafios na construção de um projeto de Vida.

Vivemos em um tempo que observamos na figura juvenil uma carência de perspectivas e de valores. Hoje em dia “vivemos para nós mesmo, sem nos preocuparmos com as nossas tradições e com a nossa posteridade: o sentido histórico foi abandonado, da mesma maneira que os valores e as instituições sociais” (LIPOVETSKY, 2005, p.33). Com a mesma facilidade da operação de câmbio, em que a moeda forte absorve inteiramente aquela de menor valor, percebe-se na sociedade

contemporânea, a diluição dos valores transmitidos pelas gerações passadas. Ou como afirmava Leonel França, no século passado:

Na sociedade do futuro substituiria intactos e bem protegidos pela nova ideologia todos os valores de verdade e de vida que nos legou a Igreja Católica, mãe de toda a nossa civilização ocidental. A família na sua organização austera, a autoridade no exercício de sua missão de justiça, de paz, e de progresso, o feixe de todas as virtudes cristãs, resumidas na caridade. (FRANÇA, 1942, p.118)

Uma das explicações pode estar a pervertida hermenêutica social. Como se fosse obrigado criar homem-produto, instrumento funcional, esta sociedade se submeteu ao capital, e aos interesses mercantis. Valores solúveis, líquidos; relativismo, utilitarismo, pluralismo de consumo, individualismo, hedonismo, permissividade... Se tudo é permitido não faz sentido a pregação de valores permanentes. Assim, é permitido também trocar a ordem antiga pelas ‘novas mentalidades’. O errado pode ser certo e os equívocos, interpretados como eventos comuns. Resultado: a banalização dos valores no espetáculo cotidiano. “Políticos e sociólogos, literatos e juristas, médicos e historiadores, cada qual, através de sua ótica especializada, discerne o estado crítico da nossa civilização e denuncia-lhe a gravidade” (FRANÇA, 1942 p.8)

A observação do comportamento de jovens estudantes do Ensino Médio, durante o estágio em uma escola pública, na cidade de Lorena/SP (período de abril a outubro de 2014), nos permitiu as inferências que se seguem. É preocupante o cenário juvenil da atualidade. Imersos em promessas de felicidade no pacote de bens voláteis, transitórios, e superficiais, tornam-se cada vez menos autônomos na liberdade de escolhas. Que referencial lhes apresentar? Certamente, este é o grande desafio, sobretudo, para os educadores.

O acompanhamento sistemático na formação de valores e na construção de um projeto de vida para os jovens pode ser uma luz para resgatá-los das algemas do consumismo, do comodismo, da preguiça, da falta de motivação, e da ausência de perspectivas. Sobretudo hoje, quando a maioria deles, vivem ludibriados pelas propostas hedonistas, deliberadamente céticas quanto ao valor do sacrifício e da renúncia. Na sociedade contemporânea ninguém quer ter sacrifícios. Busca-se o mais cômodo mesmo que ditado por outras consciências que uniformizam padrões já estabelecidos. Muitos jovens ainda não visam e nem se comprometem na construção de um projeto de vida, e quando isso acontece, o envolvimento é temporário, não sai do campo estético. Talvez pudéssemos arriscar que vivemos na “Era do des-comprometimento”.

A caverna sombria – para usar a metáfora de Platão – de deturpação dos valores (humanidade, temperança, coragem, sabedoria, responsabilidade e justiça) contribui para apagar a luz do sonho desses meninos e meninas. Surge então, um vazio enraizado na indiferença de uns pelos outros, e tudo se torna superficial e efêmero, cavando um abismo entre o que se é (estádio estético) e o que se deve ser (estádio ético).

“Como diria Kierkegaard, só eu sou responsável pelo mundo em que habito. ” (STRATHERN, 1940, p.47). Portanto, torna-se o único responsável por ele mesmo mergulhado na sua própria existência. E com isso, naturalmente o desespero por conta de um duelo entre *o-ser* e o *que-devo-ser*, que convivem no mesmo espaço de questionamentos. Kierkegaard afirma que ao:

Contemplar as multidões à sua volta, a encher-se com ocupações humanas, a tentar compreender os rumos do mundo, este desesperado esquece-se a si próprio e acha demasiado ousado sê-lo e muito mais simples e seguro assemelhar-se aos outros, ser uma imitação servil, um número, confundido no rebanho. (KIERKEGAARD, 1979, p.67)

Uma juventude mergulhada apenas no estético, comprometida e motivada para ‘curtir’ e pautada no “*slogan* da moda que é “viver sem obrigações e divertir-se sem limites”. (RAMIREZ, 2014, p.61)

Se o homem não possuísse consciência eterna, se um poder selvagem e efervescente produtor de tudo, grandioso ou fútil, no torvelinho das paixões obscuras, existisse só no fundo de todas as coisas; se sob elas se escondesse infinito vazio que nada pudesse encher, que seria da vida senão o desespero? (KIERKEGAARD, 1979, p.117)

O vazio experimentado na vida individual, é condição da natureza humana existencialmente situada no mundo, pois vivemos a profunda inquietação na busca do ser. Isso é notório em toda a vida humana, mas na fase da adolescência é mais específico e sensível, graças ao ‘aberto da existência’, como dizia Heidegger, se levarmos em consideração o vácuo entre a infância e a maturidade da vida adulta. Temos na infância a segurança estabelecida: o meio em que vivemos; o fato de existirem pessoas que escolhem por nós. Na maturidade a ordem pressupõe instabilidade, que desestabiliza a partir de quando temos que escolher, apesar dos

perigos e das incertezas. É o êxodo (elegemos este termo no sentido de crise) da heteronomia na busca livre de autonomia.

A adolescência é essa transição, da heteronomia para a autonomia, “é necessário lembrar que o adolescente é alguém, que está gravido de si mesmo. O adolescente é que vai dar à luz a ele mesmo, da mesma forma que a gravidez, o adolescente produz alterações hormonais, dificuldades de estabilidade de humor, uma serie de impasse no corpo e na mente, uma impaciência muito forte” (CORTELLA, 2013, p.39). Portanto, esta fase passa por questionamentos e crises tidos como essenciais para chegar com segurança no mundo dos adultos.

Para uma juventude que se encontra no nível estético, torna-se mais fácil e cômodo assemelhar-se e conforma-se aos outros, do que fazer as suas próprias escolhas. Um dos pontos basilares no pensamento de Kierkegaard refere-se às *escolhas* que “constitui umas das ideias fundamentais de sua filosofia. Ela seria o próprio núcleo da existência humana” (KIERKEGAARD, 1979, p.10). Retomando os interrogantes levantados no segundo parágrafo da Introdução: Para aonde vou? O que estou fazendo aqui? Será que estou no caminho certo? Para essas perguntas pode não existir razões lógicas na quais se baseiem as opções e a forma de vida. O que importa é a capacidade de escolhas, ou seja, escolhas e existência se confundem. Escolher é existir e existir é uma constante escolha.

A esfera da ética (vivência no tempo) é o âmbito da escolha, ao passo que a estética é o âmbito da indiferença. Não se trata de escolher entre querer o bem ou o mal, mas de escolher o querer, através do qual o bem e mal se acham postos. Não se trate de escolher uma coisa, nem da realidade da coisa escolhida, mas da realidade do próprio ato de escolher. A grandeza humana não consiste em ser isto ou aquilo, mas em ser “si-mesmo” e todo o homem pode quando o quer. (BATALHA, 1968, p.330)

O jovem de modo particular vive esse dilema, pois precisa decidir sobre que caminhos trilhar. A existência e as escolhas tornam-se frequentes no seu cotidiano. A sociedade tornou-se tão complexa, que ao perguntar a um jovem: o que farás da vida? Muitos respondem prontamente: Eu não sei. Esta resposta se constitui em problema, porque reflete um escasso sentido da vida. O comodismo, a preguiça, a falta de criticidade, tornam impotente a capacidade de escolhas. Certamente, o medo de arriscar, característico do campo estético, visita frequentemente os horizontes da juventude.

É evidente que o período da adolescência é perturbador, a transição para a fase adulta, suscita possibilidades e desafios, geradores de crises existenciais nos jovens. Muitos não sabem o que, e não querem decidir na tentativa de escapar da angústia de conhecer aquilo que é em confronto com o que deve ser.

Não obstante, é necessário a atitude de procura por novos meios de vivência, a busca por uma efetiva inserção social e realização profissional. Decidir fazer escolhas, no tempo e espaço, sem medo dos riscos e dos caminhos preferidos, é dar sentido à vida. A existência é feita de escolhas, e até não escolher é uma escolha, como afirma Laura Sampaio: “Uma vez que é inevitável escolher, pois até a recusa da escolha é uma escolha, o homem em sua singularidade é livre também para não escolher”. (SAMPAIO, 2010, p.48)

A janela de possibilidades se abre diante dos olhos juvenis. Profissão, casamento, estudo, viagens, o mundo fantástico da moda e da roupa que cai bem, o sonho de um bom emprego, a boa aparência física, e outras inquições do contexto social e econômico, são encruzilhadas, que podem significar um tormento para o jovem: afinal, para onde vou? O que estou fazendo aqui? E será que escolhi os caminhos certos? Tudo gira em torno do risco, pois é um constante mergulho nas incertezas, visto que, não existe nexos lógico entre as opções que fazemos e a realização pessoal delas derivada. O grande desafio é despertar os jovens de nosso tempo para construir um projeto de vida, e levá-los a abraçar a dinâmica da decisão de escolher:

O filósofo dinamarquês defendia a tese de que qualquer particular de conceitos constitui apenas uma possibilidade entre outras, cuja concretização não depende dos próprios conceitos, mas do indivíduo. Assim, o que este faz não depende do que ele compreende, mas do que ele quer, ou seja, do que ele escolhe. (KIERKEGAARD, 1979, p.16)

A identidade, o projeto de vida e a existência se solidificam a partir das escolhas que fazemos. “A personalidade, é portanto, uma síntese de possível e de necessidade. A sua duração depende, como a respiração (*re-spitatio*), duma alternativa de inspiração e expiração” (KIERKEGAARD, 1979, p.76). E não buscar realizar aquilo que almejamos, asfixia inteiramente o “eu-subjetivo”. Por isso, escolher, mesmo em uma sociedade de infinitas possibilidades e ofertas múltiplas de valores. É aventurar-se na angustiante busca do ser e do existir, com o desígnio de preencher a vida de sentido e significado.

Conclusão

Parece cada vez mais desafiador pensar um projeto de vida na sociedade atual. A lógica do capitalismo assentada no tripé: produção, consumo e lucro; o individualismo exacerbado que investe no ego e esquece a solidariedade; propagam pseudo-valores. Favoráveis condições para um efetivo massacre do “eu-subjetivo”, tornando o espaço de escolhas cada vez mais abstruso. Porém, o homem construtor de si próprio, mediante a reflexão sobre os valores que preenchem sua singularidade, pode reconquistar os graus de consciência, na ruptura dos impulsos estéticos, para viver a responsabilidade ética. Dessa forma, a subjetividade, na compreensão de Kierkegaard, fruto de uma interioridade, leva o homem a estabelecer os valores a partir das experiências pessoais e os hábitos, que ajudaram a construir o seu projeto.

A sociedade apressada dificulta a interioridade do homem-subjetivo e suas escolhas vão se perdendo, prevalecendo a lógica mercantil e seu interesse de exploração. Nos últimos anos, percebemos que somos “escravos” de um sistema que não dá tempo para refletir sobre *o ser*, e muito menos sobre *o querer ser*. A liberdade está comprometida, as angústias e os desesperos, são frequentes para muitos jovens, imersos em um mar de possibilidades, não sabem o que escolher, ou o que é pior, são induzidos a não querer escolher. A liberdade ofuscada, instala-os em uma vida despreocupada, descomprometida, em que predomina a vontade e as paixões.

O cenário de muitos jovens no século XXI, diz não ao sacrifício, como recusa ao estádio ético. O relativismo aplicado nos valores humanos, éticos, morais etc. são meios de ofuscar o estádio ético, fio condutor por onde perpassa a subjetividade e as opções de vida. A consciência se turva por valores tão volúveis do mundo globalizado como: o consumismo desenfreado, o hedonismo, a idolatria ao corpo. Dessa forma, não encontramos estabilidade nas escolhas. Por exemplo, os jovens que entram na universidade. Quantos deles são de fato livres? A escolha do curso foi realmente uma decisão pessoal ou guiada por coisas fúteis? Qual o peso do mercado de trabalho para o curso escolhido? Por conseguinte, o que foi pensado e estabelecido pelo contexto social e econômico, faz com que muitos fiquem pelo caminho logo que surgem os primeiros obstáculos, porque suas escolhas não se sedimentam em valoração perene e sólida. Afinal, quais são as condições oferecidas para se pensar a consciência em uma sociedade que transforma o homem em máquina? É possível construir um projeto

peçoal de vida, em uma sociedade que clama pelo estético e silencia o ético? Como reagir ante o confisco da liberdade por interesses mercantis?

Uma das propostas apresentadas a partir dessa problemática, é o acompanhamento sistemático na construção dos valores e do projeto de vida. Levar os jovens a uma tomada de consciência, pode ser um dos caminhos para encontrar as verdades subjetivas; para construir o mundo que se quer habitar. Para escolher é necessário tomar consciência e dizer não ao comodismo; repelir a preguiça como ato desumano; e se permitir mexer nas estruturas da própria vida. É necessário escolher, e sair da lógica de massacre, de uma sociedade que pensa por nós. Afinal, escolher é uma angustiante forma de vida, e quem se deixa angustiar, torna-se capaz de clarear e estabelecer metas para a sua subjetividade.

Buscamos nesse artigo capturar no pensamento existencialista de Kierkegaard, a importância da subjetividade, da interioridade, da tomada de consciência, e de modo muito particular, a dinâmica existencial de fazer escolhas para a construção de um projeto de vida. Mostrar que escolher é existir e existir é uma escolha permanente. Escolha construída a partir da liberdade subjetiva. Permitir-se, segundo o próprio Kierkegaard, viver uma aventura angustiante na busca de compreender o ser e o que queremos ser dentro da infinitude: o maior enigma da vida está no entendimento que o homem faz de sua singularidade.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond. **As impurezas do branco**. Editora Companhia das Letras. São Paulo, 1978.

BATALHA, Wilson de Souza Campos. **A filosofia e a crise do homem**. Editora revista tribunais. São Paulo, 1968.

CLAIR, André. **Pseudonymie er paradoxe: la pensée dialectique de Kierkegaard**. Paris: Vrin, 1976.

CORTELLA, Mario Sergio. **Pensar bem nos faz bem**. 1. Filosofia, religião, ciência e educação/Mario Sergio Cortella .-Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo, SP. Ferraz & Cortella, 2013.

FRANÇA, Leonel. **A crise do mundo moderno**. 2ª Edição. Editora Olympio. Rio De Janeiro, 1942.

KIERKEGAARD, Sören Acabe, **Diário de um sedutor, Temor e tremor; o Desespero humano/** Sorem Acabe Kierkegaard; traduções de Carlos Grifo, Maria Jose ‘Marinho, Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. **Diário de um sedutor**; Temor e tremos; O desespero humano/Soren Aabey Kierkegaard; traduções de Carlos Grifo, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. **O desespero humano**. 6ª edição. Trad. Adolfo Casais Monteiro. Porto. 1979.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**/ Gilles Lipovetsky; trad. Therezinha Monteiro Deutsch- Barueri, SP, 2005.

MONDIN, Battista, **Curso de Filosofia: os filósofos do Ocidente**/ Battista Mondin; tradução do italiano Benôni Lemos; revisão de João Bosco de Lavor Medeiros. –São Paulo: Paulus, 1981-1983.

MORIN, Edgar. **O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade**/Organizadores Alfredo Pena-Veja e Elimar Pinheiro de Almeida.-Rio de Janeiro: Garamondm,1999.

RAMIREZ, José Pastor. **As Regras e o sentido ético numa sociedade de pessoas de direitos e deveres**. Cadernos Salesianos-Nova Série/ Publicação do Instituto Teológico Pio XI e da Inspetoria Salesiana de São Paulo, 2014.

SAMPAIO, Laura Cristina Ferreira. **A existência ética e religiosa em Kierkegaard: continuidade ou ruptura?** / Laura Cristina Ferreira Sampaio. São Carlos: UFSCar, 2010. Tese (Doutorado) Universidade de São Carlos, 2010.

STRATHERN, Paul (Autor da Fonte). **Kierkegaard em 90 minutos**. Strathern, Paul (Autor da Fonte). Rio de Janeiro: Zahar, 1999.